

# DA FORMAÇÃO DISCURSIVA À SEMÂNTICA GLOBAL: BREVE ANÁLISE DO TEMA CORRUPÇÃO EM PROGRAMAS DE GOVERNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2006

Roberto Leiser BARONAS<sup>1</sup>  
Regiana Perpétua MANENTI<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho do mirante da Análise de Discurso francesa analisamos textualizações do discurso político em Programas de Governo de candidatos a presidente do Brasil das últimas eleições. Trabalhamos como o tema *Corrupção* foi dado a circular nesses distintos programas de governo. Mobilizamos inicialmente o conceito de formação discursiva, elaborado por Courtine (2007) em *Análise do discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, procurando verificar como os enunciados que dizem o tema *Corrupção* se inscrevem numa rede de filiações tanto interdiscursivas quanto intradiscursivas e, por último, à luz do conceito de semântica global elaborado por Maingueneau (2005), em *Gênese dos discursos*, verificamos como esse tema é regrado por um conjunto de restrições semânticas que autoriza, aquilo que pode e deve ser dito pelo discurso. Tais restrições afetam a intertextualidade; o vocabulário; os temas; o estatuto do enunciador e do destinatário; a

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras da UFSCAR e Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, São Carlos, SP, Brasil. baronas@ufscar.br

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil. remanenti@yahoo.com.br

dêixis enunciativa; o modo de enunciação, a vocalidade e o modo de coesão do discurso. O *corpus* de análise constitui-se por recortes dos Programas de Governo dos candidatos: Cristovam Buarque – PDT, Geraldo Alckmin – PSDB, Luiz Inácio da Silva – PT e Heloísa Helena – PSOL. A escolha dos Planos dos candidatos se justifica pela classificação que obtiveram no processo eleitoral de 2006.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Formação Discursiva. Semântica Global. Política.

## Primeiras palavras

Durante um pleito eleitoral, os candidatos a cargos públicos majoritários contemplam em suas propostas um conjunto de temas que constituem um debate entre os partidos. São eles: *saúde, educação, segurança do cidadão, trabalho, habitação*, etc. Esses temas, dentre outros, são considerados fundamentais na composição de qualquer discurso que busca inscrever-se no âmbito político eleitoral. E ainda que os candidatos dos diferentes partidos não os abordem de forma ampla e consistente, eles estão sempre presentes em seus discursos: percebemos que há certa ‘imposição’ em torná-los parte das discursividades que constituem esse espaço discursivo, já que, no discurso de um candidato, a ausência de qualquer um dos temas considerados ‘fundamentais’ pode gerar críticas capazes de comprometer inclusive uma decisão eleitoral.

Assim, em cada eleição, vemos emergir uma constelação de enunciados que se referem à educação, à saúde do cidadão, ao comprometimento com a democracia, etc., e junto a eles outros novos temas, que fazem parte da “ordem do dizível de uma dada época, vão sendo incorporados ou vão sendo “solicitados” a fazer parte dessa ordem discursiva. Nesse sentido, alguns acontecimentos históricos relacionados à política do país, por exemplo, podem se transformar em objeto de discurso, ou num acontecimento discursivo. Assim, recentes episódios da política brasileira como “Mensalão”, “Mensalinho”, “Dossiê Tucano” passaram a fazer parte do espaço discursivo das últimas eleições e foram textualizados nos mais diferentes gêneros.

Compreender as textualizações do político quer seja na mídia ou em outro suporte textual, tendo como arcabouço teórico-metodológico a Análise de Discurso de orientação francesa, tem sido objeto de inúmeros trabalhos científicos no Brasil nos últimos anos. No entanto, são poucos os trabalhos que se debruçam(ram) com base nesse mesmo mirante discursivo sobre Planos de Governo. Esses gêneros, por estarem na fronteira entre o discurso político e o dis-

curso publicitário,<sup>3</sup> são considerados na maioria das vezes como não dignos de um tratamento científico.

Tratar discursivamente os Planos de Governo significa não tomá-los na ordem da língua, verificando se os locutores se dirigem aos seus destinatários em primeira pessoa do singular ou do plural, por exemplo, ou na dimensão do seu conteúdo, se os candidatos vão cumprir ou não o que prometeram; se eles têm competência administrativa ou não para concretizar o que está textualizado em seus planos, mas significa tomá-los na ordem do que Courtine (1999, p. 16) conceitua como *enunciável*. Ou seja, trata-se de pensar como um conjunto de condições histórico-linguísticas, enquanto “princípios de controle, delimitação e rarefação (FOUCAULT, 1995, p. 12) possibilitam-autorizam a inscrição do sujeito na língua e na história como sujeito de seu discurso.

Quando nos filiamos a uma perspectiva teórica que busca compreender o funcionamento da língua em relação à história, desconsideramos qualquer procedimento de análise que pressupõe o (re)aparecimento de um enunciado como fruto de uma causalidade, como se ele surgisse aleatoriamente ou causalmente. Como se, independentemente de ser dito pelo partido x ou pelo partido y, ele produz os mesmos sentidos sobre um determinado objeto discursivo. A emergência contínua de determinados temas em um espaço discursivo específico, a sua presença como elemento constitutivo de um determinado gênero de discurso e, inclusive, seu deslocamento de um campo para outro são aspectos bastante relevantes em um procedimento de análise que se fundamenta nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso.

Neste artigo, com base em Maingueneau (2005), por um lado, partimos da hipótese de que tais programas de governo são produzidos a partir de uma semântica global, que os restringe tanto na ordem da língua quanto na ordem do discurso e, por outro, apoiados em Courtine (2007), hipotetizamos que esses programas pertencem a distintas formações discursivas. Em outros termos, defendemos que essa semântica global apreende simultaneamente as diferentes dimensões discursivas desses planos de governo, gerenciando tanto o seu vocabulário quanto os temas tratados, a intertextualidade, as instâncias de enunciação, o *ethos* discursivo, e os inscreve numa determinada formação discursiva.

---

<sup>3</sup> Fazemos tal afirmação embasados no fato de que, além de os candidatos utilizarem seus programas de governo como um documento que apresenta quais serão as principais ações de seus governos, eles os utilizam como estratégia de *marketing*, visto que esses textos são veiculados nos mesmos suportes: página do partido na Internet, panfletos que as propagandas dos candidatos.

## Um pouco de teoria: o conceito de formação discursiva em Courtine

Em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Paris X – Nanterre, no final dos anos setenta do século passado, sob orientação de Michel Arrivé, cujo título é *Análise do discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*,<sup>4</sup> Courtine (2007) aponta para uma série de problemas que apresentam tanto a teoria do discurso quanto o seu dispositivo analítico informatizado, desenvolvido por Michel Pêcheux a partir de 1969. Dentre os problemas levantados por Courtine está a natureza homogênea, eminentemente taxionômica, estrutural do conceito de formação discursiva. Natureza essa que, no entendimento de Courtine (2007), produziria uma espécie de relação especular entre a formação discursiva e os processos discursivos por ela engendrados. Para dar conta desse problema, Jean-Jacques Courtine (2007) sugere a releitura da *A Arqueologia do Saber* e da *A ordem do Discurso*, de Michel Foucault. Contudo, essa releitura não deve ser feita sem que algumas precauções sejam tomadas. Assevera então Courtine (2007, p. 129):

El AD, en general, hace poco caso, como ya lo hemos dicho, del trabajo de FOUCAULT (sin embargo, hay una excepción, la tesis de MARANDIN, que redefine y aplica las nociones extraídas de L Archéologie). Hemos expuesto en otra parte (COURTINE, 80, p. 93-98) algunas precauciones a tomar para una relectura que nos parece indispensable. En una palabra: en ciertos aspectos, el objetivo y el objeto del AD y de L Archéologie divergen considerablemente; esto significa que encontraremos en la problemática de FOUCAULT mucho más una práctica teórica ejemplar en la construcción del concepto de FD, que una batería de nociones inmediatamente aplicables en AD: *releer FOUCAULT no es “aplicarlo al AD, es hacer trabajar su perspectiva en el interior del AD.*<sup>5</sup> (grifos nossos)

<sup>4</sup> Texto publicado originalmente na Revista Francesa *Langages* n. 62 em 1981. Disponível gratuitamente no site [www.persee.fr](http://www.persee.fr) portal de revistas científicas em ciências humanas e sociais do Ministério de Educação da França. Ainda inédito em português. Há, todavia, uma versão em língua espanhola do capítulo II publicado no livro *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*, Pedro & João Editores, São Carlos, SP, 2007.

<sup>5</sup> A AD, geralmente, faz pouco caso, nós o dissemos, do trabalho de Foucault (uma exceção, todavia, é a tese de Marandin, que redefine e põe em funcionamento noções retiradas da *arqueologia*). Expusemos em outro lugar (COURTINE, 1980, p. 93-8) algumas precauções que devem ser tomadas para uma releitura que nos parece indispensável. Em uma palavra: sobre um certo número de pontos, a visada e o objeto da AD e da *arqueologia* divergem consideravelmente; isso significa que se encontrará na problemática de Foucault mais uma prática teórica exemplar na construção do conceito de FD do que uma bateria de noções imediatamente aplicáveis à AD: releer Foucault não é “aplicá-lo à AD, é fazer trabalhar sua perspectiva no interior da AD.

Fazer trabalhar as reflexões de Foucault da *A Arqueologia do saber* e da *Ordem do discurso* no interior da Análise do Discurso, especificamente no tocante ao conceito de formação discursiva, significa rever os seus postulados no tocante às relações entre materialidade linguística e materialidade do discurso. Courtine acredita que o problema de Foucault nesses dois livros é tentar produzir uma separação entre essas duas materialidades. Uma possível articulação entre tais materialidades não faz parte da problemática foucaultiana. Nas palavras do próprio Courtine (2007, p. 129), “FOUCAULT tiene mucho cuidado de separar a esos dos elementos, como lo veremos a propósito del enunciado, no considera como su problemática la articulación que presentan”.<sup>6</sup> É preciso então, no entendimento de Courtine, para fazer trabalhar Foucault no interior da Análise do Discurso, pensar a articulação entre materialidade da língua e materialidade do discurso sem, no entanto, que se reduza uma à outra. Articulação essa pensada a partir da relação entre enunciado e formação discursiva.

Foucault entende que o discurso não se constitui com um algo dado *a priori*, um termo primitivo, mas sim como uma construção que está ligada a uma formação discursiva. Desse modo, “chamar-se-á *discurso* um conjunto de enunciados na medida em que eles irrompem da mesma formação discursiva (FOUCAULT, 1995, p. 43). Analisar um discurso, então, no sentido foucaultiano, significa levar em consideração tanto o enunciado quanto a formação discursiva no qual esse enunciado se inscreve.

A análise de uma FD estudará *formas de repartição* [...], ela descreverá sistemas de *dispersão*. No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos [...] que se trata de uma FD. Chamaremos *regras de formação* às condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição. As regras de formação são as condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 1995, p. 43).

A definição foucaultiana de formação discursiva como forma de repartição ou como sistema de dispersão no qual é possível se definir regularidades — uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas — implica pensar a

---

<sup>6</sup> Foucault dedica grande atenção na separação desses dois elementos, como veremos a propósito do enunciado, contudo sua articulação não é pensada em sua problemática.

contradição no interior mesmo da formação discursiva, tendo a unidade dividida como a lei própria de sua existência. Desse modo, para Courtine (2007, p. 112), o conceito foucaultiano de formação discursiva reúne “contradictoriamente dos niveles distintos, que constituyen dos modos de existencia del discurso como objeto :

a) El nivel de un sistema de formación de los enunciados, que se sitúa, “más allá de la coherencia visible y horizontal de los elementos formados , en el plano de las “regularidades predeterminadas (ibid., p. 100). “Por sistema de formación hay que entender una red compleja de relaciones que funciona como regla (ibid., p. 97). Designaremos este nivel como nivel del enunciado. Si comparamos estas formulaciones a las de PÊCHEUX, parece que un sistema de formación tal, que funciona como regla, se refiere a “lo que puede y debe decirse por parte de un sujeto hablante, a partir de un lugar determinado y en una coyuntura, en el seno de una FD, bajo la dependencia del interdiscurso de esta última. El nivel de un “sistema de formación ubica la constitución de la “matriz de sentido inherente a una FD determinada, en el plano de los procesos históricos de formación, reproducción y transformación de los enunciados en el campo del archivo.

b) El nivel de una secuencia discursiva concreta, “estado terminal del discurso (ibid., p. 100), en la medida en que ésta manifiesta un cierta “coherencia visible y horizontal de los elementos formados , es decir un intradiscurso. Toda secuencia discursiva o discurso concreto, existe, así, en el interior del “haz complejo de relaciones de un sistema de formación: hablando propiamente, es “un nodo en una red (ibid., p. 34). A este nivel lo llamaremos nivel de la formulación.

Esto implica que toda secuencia discursiva debe considerarse como objeto tomado dentro de un proceso discursivo de reproducción/transformación de los enunciados en el interior de una FD dada: el estudio del intradiscurso que tal secuencia manifiesta es indisoluble de la consideración del interdiscurso de la FD.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> a) *O nível do sistema de formação dos enunciados*, que se situa “aquém da coerência visível e horizontal dos elementos formados , no plano das “regularidades pré-terminais (ibid., p. 100). “Por sistema de formação, é necessário entender um feixe complexo de relações que funciona como regra (ibid., p. 97). Nós designaremos esse nível como *nível do enunciado*. Se essas formulações são aproximadas das de Pêcheux, parece que um tal sistema de formação, funcionado como regra, refere ao “que pode e deve ser dito por um sujeito falante a partir de um lugar determinado e numa conjuntura, no seio de uma FD, sob a dependência do *interdiscurso* dessa última. O nível de um sistema de “formação situa a constituição da “matriz do sentido inerente a uma FD determinada no plano dos processos históricos de formação, reprodução e transformação dos enunciados no campo do arquivo.

b) *O nível de uma sequência discursiva concreta*, “estado terminal do discurso (ibid., p. 100), na medida em que ela manifesta uma certa “coerência visível e horizontal dos elementos formados , isto é, um *intradiscurso*. Toda sequência discursiva, ou discurso concreto existe, pois, no interior do “feixe complexo de relações de um sistema de formação: é, propriamente falando, “um *nó numa rede* (ibid., p. 34). Nós chamaremos esse nível de *nível da formulação*. Isso implica que toda sequência discursiva deve ser tomada enquanto objeto tomado num processo discursivo de reprodução/transformação dos enunciados no interior de uma FD dada: *o estudo do intradiscurso que uma tal sequência manifesta é indissociável da efetiva consideração do interdiscurso da FD*.

Courtine (2007) propõe, então, por um lado, uma aproximação entre o conceito pechetiano de interdiscurso e o sistema foucaultiano de formação de enunciados e, por outro, o de estado terminal de discurso de Michel Foucault e o de intradiscurso de Michel Pêcheux. Segundo Courtine (2007), embora esses conceitos não possam ser traduzidos um pelo outro, justamente pelo fato de eles terem sido forjados em bases epistemológicas distintas, é possível fazer uma aproximação. Essa aproximação permitiria, por um lado, que a formação discursiva perdesse o seu caráter excessivamente homogeneizante, taxionômico – tal qual foi proposto por Pêcheux (1971) – e, por outro, que se pudesse pensar a formação discursiva tendo como mais uma de suas condições de possibilidade a posição de classe dos enunciadores numa determinada conjuntura social, ou seja, o posicionamento ideológico dos sujeitos enunciadores – este último deixado de lado por Foucault tanto na *A Arqueologia do Saber* quanto na *A Ordem do Discurso*.

Esse tipo de articulação conceitual permitiria segundo Courtine (2007) que “a partir del cual pueda detectarse el interdiscurso de una FD bajo la forma de las relaciones de repetición, refutación, transformación, redefinición, etc., que se establecen entre enunciados que dan cuenta de FD distintas, a partir de posiciones ideológicas dadas”.<sup>8</sup>

Feita essa breve apresentação da proposta de Courtine (2007) para fazer trabalhar no interior da Análise do Discurso as reflexões foucaultianas, especificamente no tocante ao conceito de formação discursiva, entendendo que os enunciados que a constituem mantêm relações tanto intra quanto interdiscursivas, falaremos sobre a ‘Semântica Global’ de Maingueneau (2005). Essa articulação nos permitirá observar os aspectos semânticos que regem os domínios das formações discursivas nas quais estão inscritos os planos de governo.

## **O conceito de ‘Semântica Global’ de Dominique Maingueneau**

Este conceito possibilita compreender os elementos que atuam em diversas dimensões de um discurso (*vocabulário, tema, dêixis, enunciator, modo de enunciação*). É importante dizer que a proposta do autor sobre essa questão não consiste em distinguir os aspectos fundamentais dos aspectos superficiais que

---

<sup>8</sup> “a partir do qual se possa descobrir o interdiscurso de uma FD sob a forma das relações de repetição, refutação, transformação, redefinição, etc., que se estabelecem entre enunciados que relevam de FDs distintas, a partir de posições ideológicas dadas”.

constituem os domínios de uma formação discursiva, mas sim apreender a “significância discursiva em seu todo.

Dentre os lugares onde a semântica global pode funcionar, interessam-nos as considerações de Maingueneau (2005) sobre o elemento *tema*. Sobre essa questão, o autor considera como importante o tratamento semântico dado a um determinado tema no interior de um discurso, pois esse é um dos fatores essenciais na configuração de uma formação discursiva. O estudo do *tema* feito a partir desse ponto de vista redefine o modo de se pensar a relação entre os discursos: sob a perspectiva de uma semântica global é possível considerar que entre duas formações discursivas nem tudo é divergência: essa disjunção total não é possível porque, antes de tudo, elas estão inseridas “em um universo *a priori* amplamente aceito por ambas as partes (MAINGUENEAU, 2005, p. 86). Por outro lado, a identidade total entre ambas tampouco é possível. Isso porque o tratamento semântico dado a um tema sedimenta substancialmente de um discurso para outro.

Se o tratamento semântico dado a um tema pode delinear um discurso como pertencente a uma determinada formação discursiva, faz-se interessante observar, no Plano de Governo dos partidos citados no início deste trabalho, qual o tratamento semântico que cada discurso concerne ao tema *Corrupção como ele está inscrito em cada um dos discursos selecionados para a análise*.

De acordo com Maingueneau (2005), no espaço discursivo os temas de um discurso se dividem em dois subconjuntos: os *temas impostos* e os *temas específicos*. O autor define como *temas específicos* aqueles cuja presença é inerente à composição de um gênero em particular. Os enunciados produzidos sobre um tema específico não constituem a matriz de polêmicas ou debates que definem claramente a posição ideológica do enunciador em relação ao que é abordado. Já os *temas impostos* são responsáveis pela instauração de debates e divergências entre discursos que convivem no interior de um mesmo campo discursivo, onde cada qual busca impor o que é dito como sendo “o verdadeiro”, “o legítimo”.

Essa questão é resumida pelo autor nas seguintes palavras:

Por definição, os temas que não são impostos pelo campo discursivo podem estar ausentes em um discurso, mas aqueles que são impostos podem estar presentes de maneira muito variada [...] (MAINGUENEAU, 2005, p. 87).

Com base nessa afirmação e a partir das considerações apresentadas a respeito dos domínios semânticos de um discurso, analisamos a seguir o modo como o tema “corrupção” é tratado no interior dos Programas de Governo da campanha

presidencial de 2006. Além da importância de considerarmos os fatores históricos que determinaram sua inscrição na ordem político-discursiva atual, devemos destacar os aspectos semânticos que o caracterizam quando abordado pelo discurso de candidatos filiados a partidos políticos divergentes.

## **O discurso sobre o tema “corrupção” nos Programas de Governo dos candidatos à presidência – Campanha Eleitoral de 2006**

Os Programas de Governo, embora apresentem variações consideráveis em relação a sua estrutura composicional, agrupam discursos que se assemelham quanto à disposição temática. Todos os Programas submetidos à análise exibem em comum um grupo de temas. A diferença mais nítida entre eles está no modo como estes são abordados semanticamente por cada candidato. Selecionamos para análise discursos sobre o tema “corrupção”. Por ser um tema polêmico, é possível encontrarmos, mais facilmente, em sua materialidade marcas linguísticas que nos remetem a posições ideológicas partidárias. A respeito do tema em questão, pretendemos analisar, especificamente, traços semânticos que possam revelar as diferentes formações discursivas nas quais se inscrevem os Planos de Governo.

### **Fragmentos extraídos do Programa de Governo do candidato Cristovam Buarque – PDT**

O Programa de Governo do candidato do PDT tem como objetivo principal discutir questões sobre a educação no Brasil. Outros temas considerados imprescindíveis em um projeto de governo foram deixados à margem nas suas discussões. A respeito do tema *Corrupção*, encontramos, dispostos de forma aleatória nas 16 páginas do projeto, os seguintes fragmentos:

(1) [...] A certeza da impunidade, numa sociedade em que *lideranças políticas dão o mau exemplo da corrupção* e de falta de compromisso com a coisa pública, serve de *incentivo à violência* [...] (p. 5).

(2) O processo democrático vive da credibilidade, mas nossas instituições a estão perdendo por causa da *corrupção generalizada*. [...] As velhas práticas do nepotismo, do fisiologismo e da *corrupção*,

*pragas que impediam a democracia e o desenvolvimento, agora se reproduzem em maior escala (p. 7).*

(3) [...] a eleição de um governo de esquerda que abdicou da mudança e deu continuidade a *expedientes repudiáveis, como a corrupção, causou geral frustração* (idem).

(4) [...] *Não se combate a corrupção, que corrói nossas instituições, com promessas ou discursos, mas com medidas. Deve-se fortalecer as instituições. Para isso, será necessário introduzir a gestão por resultados, a definição de metas e responsabilidades; reduzir os ministérios e órgãos públicos, incluindo os cargos comissionados de livre provimento pela metade; ocupação de 80% deles, obrigatoriamente, pelos servidores públicos, com melhoria da qualificação destes por meio do fortalecimento e ampliação das escolas de gestão* uma das quais exclusiva dos servidores (p. 14).

Observemos primeiramente que estes enunciados têm lugar, entre outras formulações, no intradiscorso das sequências discursivas no interior das quais eles foram produzidos: todos os enunciados figuram aí num contexto intradiscursivo de formulação, qual seja, os discursos que disseram os “escândalos políticos (*Mensalão, Mensalinho, Dossiê Tucano*) na imprensa. Os enunciados se inserem, pois, no interior de sequências discursivas constituídas pelos discursos que disseram a corrupção na mídia impressa num contexto intradiscursivo de formulação com o qual eles entretêm uma relação particular (nesse caso, os enunciados são tomados em *efeitos de diálogo*, na medida em que se constituem numa série de retomadas dos discursos sobre corrupção na mídia). Trata-se de uma relação horizontal, relevando de uma descrição do intradiscorso.

No entanto, os enunciados em questão estabelecem outros laços com formulações que se podem descobrir no seio do processo discursivo inerente à formação discursiva que os dominam, no caso, a formação discursiva democrática. Entre esses enunciados existe igualmente uma *rede interdiscursiva, ou vertical*. Como é o caso dos enunciados 2 e 3. “As velhas práticas do nepotismo, do fisiologismo e da **corrupção**, *pragas que impediam a democracia e o desenvolvimento*, agora se reproduzem em maior escala e “a eleição de um governo de esquerda que abdicou da mudança e deu continuidade a *expedientes repudiáveis, como a corrupção, causou geral frustração* . Nesses enunciados é possível observar

um diálogo interdiscursivo com o que seria o verdadeiro programa político de um autêntico governo de esquerda.

Nos enunciados em análise, é possível assinalar também que o tema corrupção aparece classificado numa espécie de paráfrase discursiva negativa como: “mau exemplo / “praga que impede a democracia e o desenvolvimento / “algo que corrói nossas instituições / “algo que causa frustração e “incentiva a violência . No terceiro fragmento, o candidato assume uma posição de indignação em relação aos “escândalos políticos que motivaram o aparecimento de inúmeros discursos sobre o tema na imprensa. Na perspectiva discursiva do sujeito enunciador PDT, a corrupção é concebida como *falta de integridade, de caráter, dos governantes*. Outro traço semântico atribuído ao tema diz respeito a sua *influência negativa no comportamento da sociedade*, como demonstrado no primeiro fragmento.

Fragmentos extraídos do Programa de Governo do candidato Geraldo Alckmin Coligação PSDB/PFL

Em seu Programa de Governo, o candidato da coligação PSDB/PFL tratou de forma particular o tema “corrupção , abordando-o em um item no final do projeto. Os fragmentos a seguir revelam aspectos importantes do discurso do candidato sobre o tema em questão:

(5) “O objetivo do governo deve ser *evitar o roubo e o desvio do dinheiro público [...] .*

(6) “*Acabar com a corrupção é o desejo da maioria da sociedade brasileira. Um governo sério e honesto como o de Geraldo Alckmin, vai usar essa motivação na luta contra os corruptos. Primeiro, vai garantir transparência total na gestão dos recursos públicos e na prestação de contas aos brasileiros. Vai ser obrigatório a todos os órgãos e entidades da administração pública federal a divulgação, em seus sítios na internet, de informações relativas às respectivas execuções orçamentárias e financeiras, licitações, contratos, convênios, despesas com passagens e diárias. [...] Além disso, o governo vai estimular as denúncias dos cidadãos com a implantação de um sistema de Disque Denúncia Corrupção, garantindo o anonimato dos denunciantes (p. 209) .*

Estes enunciados, se, por um lado, tal qual os anteriores têm lugar, entre outras formulações, no intradiscorso das sequências discursivas no interior das

quais eles foram produzidos: todos os enunciados figuram aí num contexto intradiscursivo de formulação, por outro, a rede de formulação é distinta. Se os enunciados do Programa de Cristovam se filiavam intradiscursivamente aos discursos que disseram os “escândalos políticos na imprensa, os do Programa de Alckmin se filiam a um suposto desejo da sociedade brasileira de acabar com a corrupção: “Acabar com a corrupção é o desejo da maioria da sociedade brasileira .

A rede interdiscursiva ou vertical na qual os enunciados do Programa de Alckmin se inscrevem também é diferente da rede interdiscursiva dos enunciados do Programa de Cristovam. Neste último, a inscrição se dá a uma formação discursiva democrática e, no primeiro, a inscrição se dá numa formação discursiva técnica de gestão pública: “...vai *garantir transparência* total na gestão dos recursos públicos e na prestação de contas aos brasileiros. *Vai ser obrigatório a todos os órgãos e entidades da administração pública federal a divulgação, em seus sítios na internet, de informações relativas às respectivas execuções orçamentárias e financeiras, licitações, contratos, convênios, despesas com passagens e diárias.* [...] Além disso, o governo vai *estimular as denúncias dos cidadãos com a implantação de um sistema de Disque Denúncia Corrupção*, garantindo o anonimato dos denunciantes (p. 209) . Nesses enunciados é possível observar, então, um diálogo interdiscursivo com o que seria com uma gestão pública técnica, desenvolvida nos mesmos moldes da gestão das empresas privadas.

Diferentemente do discurso do candidato anterior, a proposta de Geraldo Alckmin objetiva instituir mecanismos eficazes no combate à corrupção. A edificação de sistemas mais eficientes para fiscalizar a administração dos recursos por parte do governo federal e para controlar as instituições públicas suplantarão as falhas e as ilegalidades que vêm sendo cometidas contra o Estado. No discurso da coligação PSDB/PFL, a *corrupção resulta da ausência de ordem, controle e de fiscalização* nos domínios da administração desempenhada pelo governo. É interessante observar ainda que o tema é tratado somente pela perspectiva econômica, isto é, a corrupção não afeta diretamente e negativamente o comportamento social, já que “acabar com a corrupção é o desejo da maioria da sociedade brasileira . A principal preocupação da coligação PSDB/PFL é o fato de a corrupção afetar principalmente os cofres públicos.

## **Fragmentos extraídos do Programa de Governo do candidato Luiz Inácio Lula da Silva – PT**

No Programa de Governo lançado pelo PT é possível observarmos a diluição de um posicionamento ideológico partidário sustentado por uma perspectiva mais radical em relação a temas considerados polêmicos, tais como: ‘política externa brasileira e ‘corrupção’. É possível observar inicialmente que o no programa em análise os enunciados que o constituem não marcam claramente um posicionamento ideológico em relação ao tratamento dado a temas como estes, mas sim apresentam um discurso que contempla aspectos diversos, um discurso mais “vazio de polemicidade no que diz respeito a sua filiação ideológica partidária, isto é, um discurso que não se inscreve, ou que não faz irromper, uma memória anterior acerca do PT. A memória do PT enquanto partido de esquerda combativo será atualizada ou esquecida no Plano de Governo de Lula somente quando necessária. De acordo com Courtine (2006), no discurso político a memória é estratégica; ela pode garantir, em determinados momentos, a continuidade de um discurso que busca sustentar um ideal político comum, que aproxime o povo do seu porta-voz. Especificamente sobre o tema corrupção, o Plano de Governo do PT traz os seguintes enunciados:

(7) O Governo Lula recebeu uma dupla herança negativa. Conjunturalmente, *em 2002, o país sofria os efeitos das políticas implementadas pela coligação PSDB-PFL, que frearam o crescimento, concentraram renda e riqueza, debilitaram o Estado, generalizaram a corrupção, afetaram o equilíbrio regional, fragilizaram a segurança energética, comprometeram a soberania nacional e deixaram o país à beira de uma nova crise macroeconômica* (p. 5).

(8) *A Reforma do Estado assegurará mais transparência e um maior controle social, além de propiciar meios mais eficazes para combater a corrupção e o burocratismo. O fortalecimento da Controladoria Geral da União, a adoção de controles externos e públicos dos órgãos federais e estaduais e a modernização da legislação garantirão celeridade e rigor dos processos de julgamento e punição dos corruptos* (p. 13).

(9) Algumas das propostas do candidato sobre o tema:

*Continuar a fortalecer os órgãos de controle e investigação do Poder Executivo [...].*

*Aperfeiçoar os mecanismos de investigação, detecção e punição do enriquecimento ilícito e de lavagem de dinheiro.*

*Ampliar a transparência, o controle e a eficiência das compras governamentais, promovendo o monitoramento sistemático de certames licitatórios, buscando identificar padrões de comportamento de empresas participantes e desvios-padrão nos preços de aquisição de bens e serviços.*

*Priorizar ações de prevenção à corrupção, especialmente quanto ao permanente incremento da transparência pública e do controle social. (p. 23).*

O contexto intradiscursivo de formulação dos enunciados do Programa do candidato Lula é bastante distinto dos anteriores. Se estes últimos se inseriam no interior de sequências discursivas constituídas pelo discurso da mídia e pelo discurso do desejo da sociedade brasileira, os primeiros se inserem em sequências constituídas pelo discurso da herança negativa herdada de governos anteriores: “O Governo Lula recebeu uma dupla herança negativa. Conjuntamente, *em 2002, o país sofria os efeitos das políticas implementadas pela coligação PSDB-PFL*, que frearam o crescimento, concentraram renda e riqueza, debilitaram o Estado, *generalizaram a corrupção...* . Os enunciados atualizam uma memória discursiva negativa do governo FHC.

A formação discursiva que domina os enunciados do Programa do candidato Lula se por um lado é distinta da formação discursiva que domina o Programa do Candidato Cristovam, por outro, é bastante próxima da formação discursiva do Programa do candidato Alckmin, qual seja uma formação discursiva reformista, que defende a modernização do Estado: “*A Reforma do Estado assegurará mais transparência e um maior controle social, além de propiciar meios mais eficazes para combater a corrupção e o burocratismo.* O fortalecimento da Controladoria Geral da União, a adoção de controles externos e públicos dos órgãos federais e estaduais e *a modernização da legislação garantirão celeridade e rigor dos processos de julgamento e punição dos corruptos* . Nesses enunciados é possível observar um diálogo interdiscursivo com os discursos neoliberais sobre a gestão pública. Em outros termos, observa-se uma atualização da memória discursiva do Estado mínimo enquanto executor de ações e Estado máximo enquanto fiscalizador das ações.

O PT, como demonstra o primeiro fragmento, situa seu discurso sobre o problema da corrupção no Brasil em um tempo passado. *A corrupção é tratada como um fator de ordem histórica* que só será contornado amplamente se houver a continuidade de políticas de ‘Reforma do Estado’ já iniciadas pelo governo Lula. Nas propostas do candidato, as formas verbais “continuar a fortalecer / “aperfeiçoar / “ampliar a transparência” corroboram a ideia de *processo*. Ou seja, a reeleição de Lula será a garantia de que medidas mais eficazes e transparentes no combate à corrupção não terão seu curso interrompido.

## **Fragmento extraído do Programa de Governo da candidata Heloísa Helena – PSOL**

Em relação aos Programas de Governo dos partidos analisados anteriormente, o Programa de Governo da candidata do PSOL apresenta uma estrutura bastante diferenciada: sua proposta está disposta, no máximo, em duas páginas, não há uma organização dos temas em tópicos e a abordagem feita sobre eles é muito restrita. Inicialmente, tentamos buscar junto ao Comitê o referido documento. Como resposta recebemos em anexo uma página da internet contendo apenas uma notícia que fora divulgada pela *Folha de S. Paulo* em julho de 2006, na qual havia algumas justificativas para o atraso do partido em divulgar seu Programa de Governo. Posteriormente, encontramos em um dos sites do partido um documento intitulado **“Programa de Governo de Heloísa Helena - PSOL”**. Nas poucas linhas, o tema corrupção aparece citado da seguinte forma:

(10) “Democracia nos sindicatos e nos movimentos sociais e dos meios de comunicação com um novo sistema de comunicação para não marginalizar os movimentos sociais. *O PSOL também pretende o combate à corrupção policial e política* e a criminalização dos movimentos sociais. Democratizar as forças policiais e o Exército. Estão também no programa a criação de uma plataforma ecológica, o combate ao racismo, a emancipação das mulheres e a defesa dos aposentados, minorias nacionais e livre expressão sexual [...]”

Os enunciados do Programa da candidata Heloísa Helena se inserem no interior de sequências discursivas constituídas por discursos diferentes dos anteriores, visto que os enunciados da candidata têm lugar em outra formulação, qual seja, a dos discursos que inserem a corrupção numa relação de equivalência de sentido com a criminalização dos movimentos sociais. “Democracia nos sindicatos e nos movimentos sociais e dos meios de comunicação com um novo sistema

de comunicação para não marginalizar os movimentos sociais . Os enunciados que constituem o Programa da candidata Heloísa estão inscritos numa formação discursiva que defende a ampliação da democracia como uma das formas de combater não só a corrupção, mas também outros crimes. Em outros termos, para o programa de Heloísa Helena a corrupção está no mesmo patamar da criminalização dos movimentos sociais. “O PSOL também pretende o combate à corrupção policial e política e a criminalização dos movimentos sociais. Democratizar as forças policiais e o Exército. Estão também no programa a criação de uma plataforma ecológica, o combate ao racismo, a emancipação das mulheres e a defesa dos aposentados, minorias nacionais e livre expressão sexual [...] . Nesses enunciados, diferentemente dos anteriormente analisados, é possível observar um diálogo interdiscursivo com os discursos que dizem a democracia no seu sentido pleno, isto é, como um sistema de governo que se compromete com a defesa de direitos políticos iguais para todos os cidadãos, tais como a liberdade de expressão e opinião, de organização política.

No discurso da candidata Heloísa Helena há marcas de posições ideológicas clássicas da frente esquerdista; em seus enunciados há o uso de sintagmas que produzem um tom de militância. Está bastante presente no discurso do PSOL enunciados sobre a democratização do país e sobre o comportamento do Brasil em relação à política externa. Um discurso dessa ordem objetiva atualizar uma memória histórica acerca das características que definem um partido como pertencente à esquerda no Brasil. Quanto ao tema corrupção, este é apenas citado pela candidata. Diferentemente dos demais candidatos, não há uma abordagem considerada aprofundada a seu respeito. Esse tipo de funcionamento pode ser compreendido com base no que Maingueneau (2005) define como “sistema de restrição . De acordo com o autor, “[...] é inevitável que haja temas abundantemente desenvolvidos por um e que estejam ausentes em outros. O sistema de restrições de cada discurso deve / pode explicar essas divergências significativas [...]” (MAINGUENEAU, 2005, p. 87). Em resumo, o PSOL busca desenvolver apenas temas que estão plenamente em conformidade com seu sistema de restrição, isto é, temas que asseguram sua identidade, no âmbito político eleitoral, como partido de esquerda. Temas que não fazem parte desse sistema são citados, dado seu caráter de *tema imposto*.

## Conclusões preliminares

Para Maingueneau (2005, p. 62-63), “o modo pelo qual um discurso se inscreve em uma conjuntura depende de sua natureza, das instituições que o sustentam [...]”. Ao pensarmos o tema corrupção por essa perspectiva, podemos admitir que o modo como se deu sua repercussão na mídia não foi tão determinante para sua inscrição na ordem das discursividades “possíveis”, num dado momento, sobre a situação política no Brasil. Os contextos de formulação tanto intradiscursivos quanto interdiscursivos dos enunciados analisados evidenciaram que além dos discursos da mídia outros discursos foram determinantes para a constituição do tema Corrupção nos Programas de Governos dos candidatos.

Como um dos objetivos deste trabalho foi analisar o tratamento semântico dado ao tema *Corrupção* no discurso político eleitoral veiculado nos Programas de Governo, apresentamos um resumo da análise realizada, a fim de demonstrar os traços que diferenciam a abordagem feita por um discurso e a realizada por outro.

<b>PARTIDO</b>	<b>TEMA CORRUPÇÃO</b>
<b>PDT</b>	O tema é abordado sob uma <i>perspectiva social</i> . Seus reflexos negativos atingem negativamente o comportamento dos cidadãos.
<b>PSDB/PFL</b>	Trata o tema pela perspectiva estritamente político-administrativa. A corrupção é o resultado da <i>falta de ordem, controle e fiscalização</i> rigorosa e eficiente do funcionamento da administração pública.
<b>PT</b>	Busca demonstrar que a corrupção é um <i>problema histórico</i> , localizado, prioritariamente, na administração realizada pelos governos anteriores ao seu.
<b>PSOL</b>	O tema é deixado à margem do seu discurso. A corrupção é apenas citada como uma ação que <i>abrange o âmbito político e policial</i> . A corrupção não é vista como um problema localizado (ela não atinge somente o âmbito da política brasileira), como o tratam os candidatos dos demais partidos analisados.

A partir da breve análise, foi possível encontrar divergências significativas no modo como cada candidato distribui e articula os temas que compõem o espaço discursivo denominado Programa de Governo. Assim, por exemplo, encontramos

no projeto do candidato Cristovam Buarque enunciados que se referem à educação no Brasil como prioridade, vista como forma única de inclusão social; já as propostas da candidata Heloísa Helena se assentam especificamente em torno da questão trabalhista e da independência externa do Brasil no plano econômico, enquanto a questão educacional é deixada em segundo plano. Quanto aos programas de governo dos candidatos do PT e PSDB, ambos não se atêm sobre um tema específico: não há uma questão particular que visa a delinear a identidade do partido, não há uma preocupação em (re)afirmar uma filiação ideológica partidária erigida historicamente, como acontece no discurso da candidata do PSOL.

Acreditamos que a nossa análise, apesar de carecer ainda de um maior aprofundamento, tenha apontado para o fato de o tema Corrupção ter funcionado no período eleitoral de 2006 como um “tema imposto por distintas redes de formulação tanto intradiscursivas quanto interdiscursivas, mostrando que cada candidato “pôde tratá-lo somente de acordo com o “sistema de restrição que rege sua produção discursiva.

A descrição do funcionamento desses discursos nos ajuda a visualizar entre outras questões a importância de se tentar articular categorias analíticas tais como a de semântica global e de formação discursiva com o objetivo de uma compreensão mais refinada das condições que possibilitam a emergência das discursividades nos dias atuais. Ademais, no nosso entendimento, tal articulação poderia evitar que se pense a irrupção das discursividades ora determinada por um gênero discursivo, ora determinada por um posicionamento ideológico. Embora nesse trabalho tenhamos detido o nosso olhar basicamente no elemento tema, trata-se de pensar enquanto condições de enunciabilidade dos discursos por conta mesmo da mudança no seu regime de materialidades,<sup>9</sup> além do estilo verbal, do conteúdo temático, da estrutura composicional e da posição dos enunciadores na luta de classes, outros elementos tais como: as relações intra e interdiscursivas, a intertextualidade; o vocabulário; o estatuto do enunciador e do destinatário; a dêixis enunciativa; o modo de enunciação, a vocalidade e o modo de coesão do discurso.

---

<sup>9</sup> No entendimento de Courtine (1999, p. 12) “não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de *talk-shows* televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais .

BARONAS, Roberto Leiser; MANENTI, Regiana Perpétua. From the discursive formation to the global semantic: a short analysis of the subject “corruption in government programs in the 2006 presidential election. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 61-79, 2009.

**ABSTRACT:** *In this paper, from a French Discourse Analysis Theory approach, we analyzed the political discourses produced in the Government Programs of candidates for Brazil's presidency in 2006 election. We worked on how the corruption theme circulated in different government programs. First, we analyzed the notion of discursive formation, proposed by Jean-Jacques Courtine (2007) in “Discourse Analysis: the Communist discourse addressed to Christians, in order to see how the enunciations that refer to the corruption theme are used in interdiscursive and intradiscursive filiations networks, and, lastly, we checked how this theme is regulated by a whole set of semantic restrictions that authorize that which can and must be said in the discourse within the aspect of the global semantic concept created by Dominique Maingueneau (2005), in Gênese dos Discursos. These restrictions simultaneously affect the intertext relationship; the vocabulary; the subject matter; the statute of the speaker and of the listener; the enunciative degree; the manner of enunciation, the vocality and the cohesion of the discourse. The empiricist analysis material is comprised of extracts taken from Government Programs presented by Cristovam Buarque – PDT, Geraldo Alckmin – PSDB, Luiz Inácio Lula da Silva – PT and Heloísa Helena – PSOL.*

**KEYWORDS:** *Discourse. Discursive Formation. Global Semantic. Politics.*

## Referências

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (Org.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Tradução de Heloisa Monteiro. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. p. 15-23.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do discurso político:** derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. El concepto de formación discursiva. In: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Tradução de Juan Magarinos. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 4.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1995].

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

